

INTERVENÇÕES

Vânia Carvalho, arqueóloga do Município de Leiria, apresentou uma breve sistematização das intervenções arqueológicas e dos esforços de divulgação sobre o sítio arqueológico que constitui o morro do Castelo de Leiria, efetuadas entre 1996 e 2023, que serviu de enquadramento prévio aos trabalhos do workshop.

Nas últimas décadas, realizaram-se diversos trabalhos arqueológicos que revelaram uma intensa ocupação do espaço amuralhado onde hoje se ergue o Castelo de Leiria: Torre de Menagem (1996 a 1997), Casa do Fabião (2001), m|i|mo – museu da imagem em movimento (2007 a 2009), Largo de São Pedro (2009) e núcleos visitáveis do Castelo (2009 a 2012), estes últimos abrangidos por um projeto financiado, no âmbito do QREN – Quadro de Referência Estratégica Nacional, de valorização e de investigação arqueológica. Os resultados obtidos permitiram um diagnóstico exaustivo com vista à fundamentação de futuros projetos de valorização e requalificação do monumento, bem como uma nova abordagem sobre a diacronia de ocupação do sítio, levantando-se novas hipóteses de interpretação sobre as vivências dos habitantes que sucessivamente escolheram este morro como habitat. Em resultado das diversas intervenções de arqueologia preventiva promovidas pelo Município desde 2019, amplificaram-se as propostas de interpretação do sítio, justificando as opções tomadas para a salvaguarda do património arqueológico em contexto de obra.

Anabela Veiga, doutorada em Engenharia Geológica e professora no Departamento de Engenharia Civil do Instituto Politécnico de Leiria, propôs uma análise exploratória para garantir um efetivo reconhecimento geológico do morro do castelo de Leiria e refletiu sobre o seu interesse para a preservação do monumento. O Castelo de Leiria está instalado sobre um afloramento de rocha magmática que lhe serve de terreno de fundação e de material de construção. Do ponto de vista petrográfico a rocha é um dolerito, por vezes fino, muito alterado, diaclasado e estriado em resultado da tectónica decorrida desde a sua cristalização e arrefecimento. O estudo geológico de qualquer zona ocupada acarreta dificuldades de observação. Neste caso, o estudo torna-se ainda mais difícil face às diversas e diferentes tipologias de ocupações ocorridas no passado. Acresce que a prospeção geotécnica clássica intrusiva que permite a observação indireta do subsolo, não é neste caso aconselhável, pois normalmente implica vibrações que podem pôr em causa a estabilidade e segurança do monumento. A investigadora referiu que estão identificados alguns locais problemáticos, tanto da estabilidade do maciço rochoso como da interação deste com as fundações do edificado que importa caracterizar e avaliar a fim de se poderem apresentar soluções para a segurança quer do maciço quer das estruturas construídas. Questionou-se sobre a metodologia a adotar para esta investigação, nomeadamente quanto às técnicas a utilizar e sobre os riscos inerentes à sua utilização, bem como, se a geologia do local condiciona a estabilidade do edificado, e que tipo de riscos podemos encontrar nesta área.

Hugo Rodrigues, Professor Associado no Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, numa intervenção sobre caracterização estrutural de construções históricas, apresentou o caso da Torre de Menagem do Castelo de Leiria. Este trabalho pretendeu avaliar o estado de conservação da Torre de Menagem do Castelo de Leiria, bem como avaliar a sua segurança estrutural, através de uma extensa campanha de levantamento e caracterização. Ao realizar este tipo de estudo, há necessidade de utilizar técnicas não destrutivas, para que não sejam causados danos que possam afetar a sua autenticidade. Este trabalho começa por fazer um levantamento geométrico da Torre, utilizando tecnologia de digitalização a laser que permitiu gerar um modelo BIM da Torre. Em seguida, foi feito um levantamento e mapeamento

das anomalias presentes. Para caracterizar a estrutura de alvenaria da parede foram realizados diversos ensaios sónicos, que permitiram caracterizar a alvenaria da torre como muito regular, com baixa percentagem de vazios. Para finalizar esta fase do estudo, foram realizados testes de vibrações ambientais nos pisos e cobertura da Torre, para fazer a identificação dinâmica. Este trabalho conseguiu reunir diversas propriedades estruturais que serão utilizadas para a avaliação estrutural da Torre de Menagem do Castelo de Leiria. Foi apresentada uma nova plataforma para sistematização dos dados relativos a este caso.

Sílvia Aires e Nuno Ramos, da empresa Morph / Octogroup, responsável pela monitorização estrutural do Castelo de Leiria, realizada em 2021 e 2022, apresentaram os objetivos, a estratégia implementada e os resultados deste trabalho, ao qual se pretende dar continuidade. Paralelamente ao intenso projeto de revalorização do Castelo empreendido desde 2019, a Câmara Municipal de Leiria optou pela realização de um programa continuado de monitorização do estado de conservação e estabilidade das muralhas do monumento. Este programa, que partiu já de um relatório anterior acerca do estado de conservação do edifício, iniciou-se pela realização de uma caracterização geológica preliminar das condições subjacentes de estabilidade do substrato geológico subjacente, como base de informação para a realização de uma monitorização geométrica rigorosa da evolução ao longo de 18 meses dos pontos previamente identificados de maior sensibilidade / risco no edifício. A metodologia aplicada assentou maioritariamente na realização iterativa e comparação sucessiva de modelos digitais tridimensionais a partir de levantamentos de terreno realizados com tecnologia *TLS – Terrestrial Laser Scanning*. As observações produzidas ao longo do projeto demonstraram a fragilidade de alguns tramos das estruturas muralhadas, quer do último reduto, quer da cerca da vila onde, inclusivamente, viria a verificar-se a necessidade de um trabalho adicional de caracterização geofísica e geotécnica que depois sustentaria a realização de trabalhos arqueológicos de caracterização, sondagens intrusivas e uma intervenção robusta de recuperação das estruturas do monumento na zona do Largo Dr. Manuel de Arriaga, nos muros que ladeiam a Torre Sineira e delimitam a intervenção do Largo de São Pedro, e já realizada em 2022.

Adelaide Pinto, arqueóloga da INLOCO, Arqueologia, foi responsável pela apresentação “O Morro do Castelo, um lugar em reconstrução – Temporada 2”, relativa aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 2019/2021 no âmbito do projeto de Requalificação do Castelo de Leiria. Estes permitiram não só a confirmação, mas também a aferição de novos dados sobre a ocupação humana deste espaço. No Workshop’21, foram apresentados os principais trabalhos realizados, a par dos primeiros resultados obtidos, que em grande parte nos surpreenderam nessa data. Ficou atestado, que o Morro do Castelo de Leiria, apresenta uma longa diacronia de ocupação, desde o significativo povoado proto-histórico, que aqui se estabeleceu, até aos dias de hoje, sendo um importante ponto de referência cultural. Nesta apresentação da “2.ª Temporada”, e após a consolidação dos resultados, a arqueóloga avançou um pouco mais, na reconstrução da sua história e proporcionou uma troca de informação fundamental para o avanço da investigação, nomeadamente quanto à relevância das ocupações romanas na zona da Casa do Guarda, e das anteriores estruturas habitacionais de cronologia proto-histórica.

Miguel Almeida, arqueólogo, pela empresa/Octogroup, foi responsável pela conferência “Surpresas em torno do Castelo de Leiria: resultados da intervenção preventiva associada ao projeto de construção dos acessos mecânicos ao Castelo”. Em 2019/20, o início de uma intervenção de valorização do Castelo, empreendida pelo Município de Leiria, motivou a realização de um conjunto extensivo de intervenções de Arqueologia preventiva em diferentes pontos do morro do Castelo. Uma destas intervenções, realizada no âmbito da construção dos

novos acessos mecânicos ao Castelo, incidia sobre zonas limítrofes, maioritariamente exteriores ao espaço muralhado, abrangendo duas áreas distintas das vertentes acentuadas imediatamente a norte da porta de Albacara e a Sul do atual edifício da PSP. Embora estas fossem áreas claramente marginais à zona de maior potencial arqueológico, os trabalhos de escavação realizados permitiram a recolha um vasto acervo espólio arqueológico, restos osteo-arqueológicos humanos, estruturas arqueológicas e um volume considerável de informação contextual associada. Dos resultados obtidos, destaca-se claramente a descoberta de três contextos inesperados: - A Sul, numa zona muito alterada recentemente, hoje incluída no parque de estacionamento em torno da Sé de Leiria, uma inumação individual, seguramente associada à presença eclesial;- Do lado Norte, a meia encosta, e de forma completamente inesperada, um outro indivíduo inumado, aparentemente isolado, já datado de época medieval; e, por fim,- No topo da vertente Norte, parcialmente sobreposta pela (forma atual da) fortificação medieval, uma estrutura defensiva de época pré-romana que complementa os resultados obtidos na intervenção do interior do último reduto, acrescentando-lhe dados significativos para as épocas mais recuadas da ocupação do morro do castelo.

Susana Cosme, arqueóloga, apresentou pela Archeo'Estudos, Lda, uma multiplicidade de dados inéditos relativos à longa diacronia ocupacional do Largo de São Pedro. Esta referiu que apesar das limitações impostas pelo tipo de trabalho arqueológico (minimização de impactes de obra de abertura de valas para infraestruturas), foi possível traçar um perfil estratigráfico/cronológico do Largo de São Pedro incluído no núcleo C do Castelo de Leiria, que se inicia na Idade do Bronze e que vem até à atualidade. A sua apresentação procurou questionar como um espaço muito ocupado na Idade do Ferro foi romanizado em torno de um eixo viário. Como, em época medieval, esse troço foi abandonado e junto a ele foi erigida uma capela e seu espaço de enterramento? Passando a ser, tal como, os antigos Paços Reais de São Simão e mais tarde, o edifício dos Paços Episcopais (atualmente ocupado pela P.S.P.) os pontos cruciais de delimitação do largo. E de como a par com todas estas mudanças está a imensa necrópole associada à Igreja de São Pedro, imensa em área e em cronologia pois vem desde a Idade Média até à época contemporânea. Apresentou todo um manancial de informação, material e gráfica, que ficará à disposição dos investigadores para estudos mais aprofundados sobre a história de Leiria. Os dados relativos ao povoamento da Idade do Ferro, com mais de uma dezena de estruturas de habitação identificadas e múltiplas sobreposições, um conjunto edificado de época romana de relevo, uma sepultura de cronologia romana, contextos da alta idade média e múltiplos contextos posteriores à reconquista cristã desconhecidos à data, obrigam a uma revisão das interpretações sobre a ocupação humana na zona do Largo de São Pedro, a zona mais aplanada do morro.

Nélson Borges, arqueólogo, apresentou pela empresa Ripórtico, Engenharia, uma primeira abordagem aos resultados provenientes da intervenção arqueológica na Fonte do Pocinho, situada na encosta do morro. Os trabalhos arqueológicos na Fonte do Pocinho integram-se no âmbito da Empreitada de Extensão do Parque Verde da Encosta do Castelo de Leiria e previam a escavação arqueológica integral da Fonte e suas estruturas adjacentes, tendo-se iniciado a 27 de setembro de 2022. Os trabalhos implicaram a remoção de uma quantidade significativa de aterros provenientes de várias obras, que cobriam a sedimentação original. Os primeiros trabalhos demonstraram a existência de uma calçada, com dois momentos construtivos, a marcarem um antigo caminho de circulação, no qual a Fonte teria papel preponderante, servindo, não só de bebedouro, mas também incluindo possíveis lavadouros. O complexo da Fonte do Pocinho é constituído por várias estruturas: Mãe de Água, ou captação primária; Fonte composta por dois tanques; Tanque com evidência de lajeado; Segunda captação, Escadaria e

Calçada. Os trabalhos apresentados procuraram dar a entender a realidade funcional do Complexo e perceber o seu momento construtivo inicial.

Esta imensa e vasta documentação apresentada terá de implicar o desenho de um projeto futuro de investigação arqueológica, sustentado numa concertação de esforços multidisciplinares, e numa análise conjunta dos dados apresentados e discutidos ao longo das duas jornadas de trabalho, em 2021 e 2023.